

# O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

**PREÇO DAS ASSIGNATURAS**

EM AVEIRO: anno (50 n.ºs) 1\$000 rs.; semestre (25 n.ºs) 500 rs.  
 FORA D'AVEIRO: anno (50 n.ºs) 1\$125 rs.; semestre (25 n.ºs) 570 rs.  
 BRAZIL, (moeda forte) e Africa oriental, anno... 1\$500

**Publica-se aos Domingos**

As assignaturas devem ser pagas adiantadas

**PREÇO DAS PUBLICAÇÕES**

Na secção dos annuncios: cada linha 30 rs.  
 No corpo do jornal: cada linha 60 rs.  
 Numero avulso 30 rs.  
 Redacção e administração — rua Direita.

**AVEIRO**

**O que deveria ser o juramento de Sua Alteza Real**

As monarchias constitucionaes, filhas do hybridó connubio do jacobinismo revolucionario de 89 com a velha realza, são esteis como os productos bem conhecidos do crusamento de duas especies animaes; e ainda por cima, trazem do berço as manchas da mãe.

E' assim que, não podendo quebrar os vicios hereditarios, nem abraçar francamente as ideias salvadoras da san democracia, dissolvem o patriotismo e obrigam os povos a assistir a um certo numero de espectaculos anachronicos e fosseis, cuja recordação ha de fazer pasmar as gerações vindouras, assim como hoje nos admiramos das provas judiciarias por meio do fogo, da existencia das cruzadas, da inquisição, da escravidão e do cannibalismo.

Um d'esses espectaculos é o juramento politico dos reis e dos principes, consignado nos codigos como uma garantia do seu respeito pelas instituições, ou como um «réclame» de salsaparrilha de Bristol.

Bem aviados estariamos nós se d'isso dependesse a guarda das suppostas liberdades publicas; porque bastaria a quebra do juramento, e a natureza é fraca, para volvermos á condição de vassallos de um senhor absoluto.

A verdadeira garantia da liberdade existe na energia e na hombridade do povo: o resto são formulas sem significação séria, e cuja inutilidade a experiencia, a grande mestra da vida, se encarrega de nos provar, quasi com tantos perjuizos, quantos tem sido os juramentos.

Passémos em revista aquelles que n'este momento nos ocorrem, e para isso, nem precisamos sair da historia patria, nem da familia de Bragança.

Jurou D. João VI, o clemente, a constituição de 22; e quando acabou de proferir as palavras do ritual, tirando a mão dos Evangelhos e collocando-a theatralmente sobre o peito, acrescentou as seguintes palavras: «e de todo o meu coração.» Sem embargo d'este juramento de duas respostas, sua magestade, passado pouco tempo, a 23 de maio de 1823, quasi em dia igual áquelle que está destinado para o juramento do sr. D. Carlos, perjurou como

um perro e assumiu o seu poder real e absoluto pelo «golpe de estado», conhecido pelo nome de Villafranca. E o motivo do perjurio foi simplicissimo. E' porque n'aquelle tempo o sentimento de independencia do povo portuguez estava reduzido á domesticidade dos brutos. A contraprova existe no pressuroso afan com que os burguezes de Lisboa desatrelaram as mulas da equipagem real, para terem a subida honra de as substituir no caminho da Bemposta. Sejamos francos, elles não mereciam mais.

Vamos adiante. D. Miguel, filho legitimo da sr.ª D. Carlota Joaquina, em questões de juramento, seguiu as pizadas do seu antecessor. Tendo jurado a carta de 26, um bello dia mandou a carta á fava. O que se passou depois está ainda no animo de todos: foi um delirio de vindietas, de flagícios, que podemos classificar como — a epocha do terror da monarchia.

Continuemos. D. Pedro IV não perjurou cá, porque só durou dois annos; mas no Brazil ficou memoria perduravel da sua revolta armada contra a constituição do estado.

A sr.ª D. Maria II jurou a Carta de 26; depois jurou a constituição de 38, Deus sabe com que vontade; e graças á revolta do Porto, assoprada pelo ex-jacobino do club dos Camillos, Costa Cabral, abjurou a segunda, como tinha abjurado a primeira, e tornou a jurar a carta que «felizmente» nos rege. «La dona é mobile.....»

Supponos que bastam estes exemplos para demonstrar que a quebra do juramento politico dos monarchas está hoje considerada como um peccadilho venial, como uma «coquetterie» de mulher galante.

De então para cá, impede-nos o respeito pelas pesssoas vivas, que ainda não pertencem á historia, de dizer como tem sido cumpridos os juramentos do código fundamental da monarchia; no entretanto, outros menos escrupulosos e mais auctorizados do que nós, um digno Par do Reino, o sr. de Chancelleiros, ainda ha pouco affirmou no parlamento que a Carta Constitucional doada pelo sr. D. Pedro, nunca havia sido cumprida fielmente até aos nossos dias. Não tiraremos illações...

No entretanto, poucas horas depois d'esta folha entrar no prelo, e por um pouco, no anniversario da Villafranca, irá Sua Alteza Real repetir as mesmas palavras solemnes, tantas vezes juradas como perjuradas pelos seus maiores.

Incomodar-se ha a guarni-

ção da capital, sairão os coches de estilo ro-co-co, puxados por mulas metaphysicas ataviadas de ricas gallas; perdoe-se a cacophonia classica, e precedidas de archeiros amarells, e exhibir-se ha mais uma vez á curiosidade avara do povo o cerimoniaal ritualistico das instituições com que ha 50 annos nos devoram os olhos e nos expõem ás vaias e aos insultos dos insolentes estrangeiros.

Estamos fartos de juramentos. Queremos obras.

Se nos fosse permitido substituir a formula official d'esta solemidade, por outra inteiramente nossa, rogaríamos a Sua Alteza Real que proferisse as seguintes palavras:

«Juro transformar n'uma realidade util todos os sophismas do código que nos rege; correr com as camarilhas palacianas; ceder o melhor da dotação da familia real em beneficio da instrução do povo; matar, de vez, o deficit e a divida fluctuante; proclamar o imposto directo progressivo com attenção aos encargos da familia; abolir os impostos indirectos sobre o pão, o sal e os objectos de primeira necessidade; regular o serviço das classes assalariadas e prohibir a exploração das creanças em proveito do feudalismo da industria; separar a igreja do estado, que é uma concepção abstracta e não pode ter religião; exportar o Topa a Tudo para ir fazer a felicidade do Congo; dispensar a alliança ingleza; e não subsidiar mais as vias hespanholas.»

Tudo isto se poderia fazer e teria uma significação real e concreta.

Nós não vivemos de declamações juradas.

Precisamos de realidades.

*S. Loureiro.*

**AO DEPUTADO POR AVEIRO**

Eu tenho ouvido muitas vezes, quando passo por debaixo dos balcões, as berratas monarchicas d'uns certos individuos, que ardem em pharisaico amor pelas santas instituições realengas e em odio do inferno contra os republicanos.

— Que mais querem elles, esses doidos? Onde encontram elles uma republica com mais liberdade do que esta monarchia? Ha lá, por ventura, uma democracia mais pura do que esta de que gosámos?

Isto é cantiga sabida. Eu ouço-a todos os dias; todos os dias me atormenta a cabeça como velha musica de realejo estafado.

— Pois quê! Liberdade? Liberdade temos nós, até demais. Democracia? Isto é que é democracia, o mais é utopia, é tolice, é devaneio de rapazes novos. Os velhos fallam assim. Eu, que não sou velho ainda, vou fallar

por outra forma, energicamente, causticamente. A contas, meus senhores.

Em que se funda todo o organismo complexo da liberdade? Na soberania popular. Onde se exerce esta e como se exerce? Na urna, franqueada a todos igualmente e por meio do voto livre.

Pois bem. A soberania dos aveirenses é um sophisma, uma mentira, uma burla. Teem um representante parlamentar que os não conhece e a quem elles não conhecem, com quem se não importam e de quem elle se não importa. O sr. José Dias Ferreira é o nosso deputado há muitos annos. Quando é que sua excellencia veio aqui desenvolver o seu programma politico? Nunca. Em que epocha tivemos o prazer de o ouvir, dando-nos conta do modo porque se desempenhou do encargo, que lhe impozemos? Nunca. Quando fallou no parlamento sobre os nossos interesses locais, sobre as nossas necessidades e penuria, sobre a injustiça com que nos trata o governo central? Nunca.

Sua excellencia é conselheiro, é advogado de fama, é proprietario, é rico, é opulento, é chefe de partido e por isso dá-nos honra representando-nos no parlamento, não somos nós que lh'a damos enviando-o lá. Sua excellencia pensa e procede como lhe parece, pouco lhe importando que nós pensemos e obremos por modo diferente. Para quê? Elle é elle e nós somos nós. Elle é o orador distincto, o parlamentar de habilidade que os governos receiam; nós somos o rebanho de carneiros que servimos apenas para levar á urna o bilhetinho, que os homens da praça nos metteram na mão. Nós somos é um modo de fallar. Refiro-me á generalidade dos habitantes d'Aveiro. Eu, que escrevo isto, nunca votei no chefe da patrulha constituinte, nem votarei jamais em qualquer d'esses monarchicos ambiciosos, que especulam com a nossa fraqueza.

Se todos procedessem por modo igual não estaria no parlamento um homem, que se diz deputado por Aveiro e que afinal é apenas o deputado de meia duzia de capitães mórés. E' essa a liberdade monarchica de que fallam os taes senhores. Liberdade? Para que queres tu mais liberdade, oh Zé povinho da parvonía? Não te mettem na cadeia, não te quebram as costas, uma eódea bolorenta sempre se arranja!...

Vamos és tolo. Nas republicas votas livremente no individuo que escolheres; obrigas-o a dar-te satisfação dos seus actos, a vir-te provar se sim ou não exorbitou das suas atribuições, se cumpriu fielmente o mandato que lhe impozeste. Nas monarchias votas em quem te mandarem e nunca mais tornas a encontrar o teu representante. Ousa um dia procura-lo e verás como elle — ou não te falla, ou digna-se ouvir-te do alto do seu throno de grandezas, como um amo severo que escuta o mais infimo criado.

Eis a grande liberdade que os mandões nos concedem.

Vamos terminar. O sr. Dias Ferreira, segundo corre, queixa-se de que não conhece as necessidades d'Aveiro. Não as conhece? Pois venha cá sabelas. Quer que lh'as vamos dizer a casa? Veja lá! Dê-se ao incommodo de fazer uma viagem a Aveiro, convoque uma reunião publica e apreciará muito bem os nossos sentimentos. Pode ter a certeza de que não deixaremos de lhe dizer ali o que queremos. Porém, como sabemos que sua excellencia se não dará a tanto trabalho, apontamos-lhe hoje duas das nossas maiores necessidades:

O sr. Dias Ferreira fallou ha dias na camara sobre o porto de Leixões. Ora porque não aproveitou o illustre deputado a occasião para fallar no porto d'Aveiro?

O nosso porto está desgraçado, na última miseria. Pois o sr. Dias Ferreira, deputado por Aveiro, em lugar de chamar a attenção do governo para o estado da nossa barra fallou no porto de Leixões, que não combateu com a devida energia. Que não combateu, sim, como devia, porque no momento em que o governo despreza completamente o porto d'Aveiro, era da obrigação do deputado por este circulo atacar uma despeza immensa com que o paiz todo vae ser sobrecarregado em favor d'uma cidade privilegiada. Se não ha dinheiro para os melhoramentos do nosso porto, também o não ha para os melhoramentos do outro e se o ha para um ha-o para outro. A justiça é esta.

Por conseguinte ao sr. José Dias Ferreira assiste a obrigação de clamar no parlamento pelo desenvolvimento das obras do porto d'Aveiro, de chamar a attenção do governo para as obras que se tem feito, se tem dado o resultado dezejado ou se como por ahí se diz não tem servido de couza alguma e procurar os meios de dar um impulso vigoroso, mas de resultado seguro, á taes obras.

E' preciso que o sr. Dias Ferreira olhe a serio para esta questão. Peça ao governo que elabore um novo plano geral d'obras do porto ou que mande adoptar e pôr em pratica os já elaborados; e pela sua parte, como delegado do povo aveirense, estude isso a fundo. Não é só fazer peloticaça de correrer.

Outra cousa. O sr. Dias Ferreira sabe, e se não sabe, saiba-o, que existe em Ilhavo, dentro da area do seu circulo, um foco de jesuitas. Ha n'aquella terra um instituto d'irmãs da caridade, onde se exerce o ensino.

Portanto exijimos a sua excellencia, como orgão que somos d'uma parte respeitavel do publico que interroga o governo sobre isso. Não se esqueça. Sempre queremos ver se vossa excellencia, que mostra a coherencia com as opiniões liberaes que diz professar ao ponto de mandar educar os filhos pelos jesuitas, é capaz de nos convencer de que tem algum amor á liberdade.

E creia que o não pouparemos. Tornarémnos a conversar.

*Eu.*

**SUB SOLO---IGNIS**

A mão negra do jesuitismo allí se estende nas trevas, tentando suffocar a liberdade. Entretanto os senhores conservadores fazem da sociedade da mão negra hespanhola, um espectro mais horroroso do que a Internacionai, e declamam contra a anarchia, elles, os que estabeleceram e mantêm no mundo a verdadeira anarchia, contra a qual os revolucionarios de todos os matizes protestam: anarchia social, politica, e economica.

Mas nós todos já lh'es conhecemos as manchas e os pobres diabos em toda a parte são recebidos á gargalhada.

No n.º 662 do Seculo vem a seguinte noticia:

«A miseria provocou agora em Roma um triste suicidio»

Filippo Calzone, um honrado velho de 60 annos, vivia ha muito em casa d'uma familia composta de mulher e marido, moradora na rua do Principe Amedeo. Ultimamente a idade impossibilitou-o de trabalhar, não podendo adquirir por esse motivo os meios de subsistencia.

Calzone mostrava-se inquieto e afflicto chegando a dizer á dona da casa que o melhor era acabar com a vida.

Uma manhã demorou-se no quarto mais do que o usual e subindo aquella a indagar a razão d'isso, encontrou o pobre velho morto na cama. Asphyxiara-se com o acido carbonico.

Ahi têm suas excellencias os senhores bojudos burguezes, esses ôdres que Silva Pinto denomina a excellissima canalha, mais um caso negro, para condemnação da terrivel seita hespanhola.

Vamos, meus senhores, explore o operario, roubae-lhe o suor e o dinheiro, e depois mimoseae-o ainda com a metralha, e com os coices furiosos.

A mão negra não é mais que uma tradição, cahotica embora, se assim o quereis, das mediocres côrtes d'el-rei Pobreza. Mas as suas represalias são justas, justissimas as suas reclamações.

Já não ha rhetorica de fogareos monarchicos capaz d'eclipsar a luz deslumbrante da Verdade. Não ha crimi-nosos: ha ignorantes, e ha desesperados; mas a unica culpada é a sociedade.

Nós descobrimo-nos juncto á camp'a d'esse pobre suicida, mas não erguemos piedosos as mãos para o ceu. Cerramos o punho e protestamos, pelo sangue d'aquelle martyr, o mais imp-lacavel das guerras, na qual são impossiveis as treguas:—a guerra do proletario ao capital.

Accusam-nos de declamador. Que fazemos estylo, que não temos ideias; que não temos uma orientação positiva; que não sabemos o que dizemos ... etc.

São terriveis, estes diabos. Ora vamos lá, boa gente, mais commiserção para com este pobre ignorante e idiota que aqui vêdes. Vamos ás verdades.

Quando ao estylo... ahi está o sr. Pinheiro Chagas que nunca fez outra coisa; no tocante ás ideias, diremos: na Folha Nova já nós provocamos o Diario Illustrado, a Correspondencia de Coimbra, e o Jornal da Noite, para uma discussão pacifica dos principios republicanos, e elles, os finos, moita!

Mas elles têm uma orientação positiva... Ai, que eu morro!

Heliodoro de Salgado.

# BAIRRADA

O illustre deputado por Anadia aproveitou o incidente da interpellação

## Folhetim

### O APOSTOLADO DAS MULHERES

Vêdes essa mulher que passa, de rosto coberto, dirigindo-se ao cahir da noite para algum arrabalde da cidade?

Caminha ligeira e saltitante, como se fosse para um rendez-vous, olhando para a direita e esquerda com medo de que a sigam.

A joven dama, uma das protectoras dos infelizes mais em voga, presidente da sociedade auxiliadora dos Chins abandonados, cumpre um dever piedoso. Trata de salvar as caixas economicas e de proteger a fortuna das familias pobres.

O anjo das caixas economicas (1) leva o recado sabido, que repete com o sorriso nos labios. Falla da bancarrota com olhar ferno. O joven marido que a recebe fica desorientado com a confidencia. A graciosas mensageira mata dois coelhos com um tiro. Ao mesmo tempo que assusta a familia sobre a segurança do seu peculio, procura atrahir o marido ao seu partido. Um sorriso seduz tão depressa um eleitor!

Não me accuseis do gracejo. No instante presente faz-se esta amavel propaganda. Ha mezes para cá que se resolveu empregar a mulher em corromper os republicanos.

O fim justifica os meios. Esta ou aquella (1) Os clericas empregam n'este momento em França os meios torpes do costume para combater as medidas do governo ôbre as caixas economicas.

do sr. Naniel d'Arriaga, para mais uma vez fazer as suas altisonantes affirmações monarchicas. Que toda a Bairrada o saiba, que o mundo inteiro o contemple!

Devem dar-se por felizes os povos da Bairrada por merecerem ao seu illustre representante tão cathoricas affirmações do seu grande amor pela monarchia... Podemos estar certos de que a republica e o partido republicano merecerão sempre ao famoso ministro da ultima situação progressista a guerra mais acintosa, a perseguição mais cruel. Bem haja elle, bem haja o seu verbo inspirado, em nos acatellar, em nos prevenir!

Ministro da monarchia ainda hontem, e convencido de que hade amanhã tornar a sel-o, para honra do seu partido e gloria da patria, o illustre deputado por Anadia, está-se tornando o patriarcha austero da grey progressista em assumptos de politica conservadora, e pugna mais pelos interesses da realza do que o proprio rei. Avante!

E' assim que se conquistam as pastas no nosso paiz, e deve ser assim que se inspira confiança ao monarcha, nas mãos de quem está entregue a dilecta escolha...

Quem sabe? talvez que ao illustre deputado por Anadia esteja reservado o papel de perseguidor da hydra na proxima situação progressista, dado o caso que ella chegue a ser gente...

Sendo assim, é possivel que lá esteja o campanario para lhe deitar foguetes, se antes d'essa maré cheia a Bairrada não embirrar com tantas bafarradas monarchicas, convencendo-se de que o futuro das suas vinhas, ameçadas do phylloxera, e o bemestar dos seus habitantes, inspirados do amor ao trabalho, não dependem precisamente da conservação da monarchia, nem dos protestos realengos do seu deputado vitalicio.

# CARTAS

Lisboa, 18 de maio.

O sr. Manuel d'Arriaga interpellou na sexta feira da semana passada, não já a tempo de vos dar parte d'isso, o governo sobre a prohibição do meeting republicano que alguns democratas illustres tentaram realizar em novembro do ultimo anno.

O deputado pelo Funchal fallou muitissimo bem; pronunciou um dos seus discursos mais brilhantes deixando o governo muito mal ferido. Respondeu-lhe o sr. Thomaz Ribeiro, que não disse nada, como de costume. Este poeta de Parada de Gonta é o homem mais singular que eu conheço, porque nunca lhe ouvi pronunciar na camara um discurso que se diga regular. Não acham os leitores que é famosa a singularidade de um homem não dizer senão tolices? Pois o sr. Thomaz Ribeiro possui essa singularidade em alto grau.

Nunca encontrei policamente nada

la duqueza tem a obrigação, em favor da Igreja, de seduzir Camille Pelletan, para que lhe arranque o entusiasmo e a verve.

Homens celibatarios, collegas e companheiros meus, acatela-vos da mulher. Olhae em volta de vós e ponde-vos em guarda, porque uma sedução invade-nos tão depressa! A mulher religiosa é um Proteu que se vos apresenta debaixo de todos os aspectos, umas vezes com cara de seneta de sala, outras como cascadeuse do Elyseu-Mortmartre.

A rua dos Martyres não é hoje mais segura para os livres pensadores do que era d'antes. A Igreja tem sentinellas vigilantes em Notre-Dame-de-Lorette.

Era Lavedan, Platel ou Búcheron, que excitava n'outro dia as mulheres a defender raivosamente a boa causa? O que é certo é que o conselho foi dado por um dos corypheus da contra-revolução.

O que se passa actualmente em varias provincias não nos deve admirar. Os reaccionarios organisaram uma Vendéa financeira e por conseguinte o padre e a mulher são os seus agentes naturais.

Michelet escreveu, na sua Historia da Revolução franceza, um capitulo admiravel sobre o padre, a mulher e a Vendéa. «Mulher e padre, diz elle, eis tudo, a Vendéa, a guerra civil. Note bem que, sem a mulher, nada faria o padre.

de tão chato e insignificante como aquillo. A um discurso serio e energico responde com meia duzia de desconchavos banaes, que provocam o riso na camara e nas galerias. Não ha um pensamento politico no ministro do reino, um bocado de senso pratico, um pequeno conhecimento das tricas governativas e parlamentares. E' um fantoche que alli anda. Quando um deputado da opposição lhe puxa pelos arames, move-se em esgares ridiculos e rações com gaudio do povileo.

Parece incrível que um individuo de tal ordem seja ministro da nação. Mas, emfim, estamos em plena monarchia e nas monarchias não ha ministros da nação, ha só ministros da corôa e o sr. Thomaz Ribeiro para ministro da corôa serve bem.

E dizem estes realistas pomposamente que entre os republicanos não ha homens d'Estado. E entre elles? Ha d'aquillo. Ora podem limpar a mão á parede.

A replica do sr. Manuel d'Arriaga, no sabbado, ao discurso do ministro do reino, foi soberba. O deputado republicano perguntara-lhe em que principio se fundara para prohibir o comicio, que lei o autorisara a tamanho attentado contra as regalias publicas e elle respondeu-lhe com uma profissão de liberalismo. A oração do delegado da corôa resumiu-se n'isto—Eu sou um grande liberal.

O representante do Funchal frisou perfeitamente esta fuga covarde do poeta, que não dizia uma palavra sobre o assumpto, espraçando-se em banalidades tristes, e por entre periodos brilhantes flagellou deveras a monarchia.

Emfim, o discurso do sr. Arriaga, digam o que disserem, foi muito bom.

Na discussão a que me venho referindo intervieram varios deputados monarchicos, que não perderam occasião de atacar com energia os republicanos. Alguem notou, e eu tambem notei, que o sr. Elias Garcia não se associasse ao sr. Arriaga para repellar taes ataques.

Diziam nas galerias uns certos republicanos litteratos, que nunca fizeram cousa alguma pela propaganda republicana, que o discurso do sr. Arriaga fôra semeado d'um sentimentalismo piegas que é contraproducente em politica. O sr. Arriaga, sejamos francos porque eu nunca louvo ninguém por systema, é realmento um pouco poeta.

Precisa tornar-se homem mais pratico não se illudir com as hypocrisias monarchicas e estudar a fundo as questões. O illustre democrata já hoje está melhor n'esse ponto do que quando entrou na camara, e eu espero bem vê-lo convertido em breve, quando se tornar senhor das encruzilhadas politicas, n'um parlamentar perfeito.

Comtudo se no sr. Arriaga ha uns certos devaneios poeticos prejudiciaes, é incontestavel que o honrado cidadão é um orador de primeira plana e um republicano dedicadissimo com immensa vontade de servir o seu partido. E o que é o sr. Elias Garcia? Não sei.

Os republicanos que acham muito sentimentalismo, muita ingenuidade

e prepara-vos para morrer, porque vos mando amanhã fusilar a todas.

Não matou as mulheres. Mas, poz realmente o dedo, ao proferir aquellas palavras, no motivo da guerra civil.

Esta observação profunda de Michelet é sufficiente para explicar a contra Revolução. E o esforço actualmente tentado para arrastar a mulher contra a Republica mostra quanto a Igreja está convencida d'aquella verdade.

A grande originalidade do catholicismo consiste em haver inventado o confissionario para ter a mulher á sua discrição. Os padres são os maiores politicos que tem apparecido. Tambem, quando entráramos em Roma na casa de San Pedro, a impressão d'admiração que experimentámos faz-nos pensar immediatamente na mulher.

Sob a revolução franceza, ao sahír da epocha voltariana, o padre conservava toda a sua influencia sobre os seus clientes. A nova ordem de cousas desarranjou os habitos da mulher, que a exaltação nervosa, a pressão imaginativa, a legenda terrorista torturavam. Era naturalissimo, portanto, que se tornasse a auxiliar da Vendéa. Demais, o primeiro imperio, filho da reacção thermidoriana e da contra revolução, ainda não tinha obrigado as viúvas e as mães a verter lagrimas ardentes.

Hoje mudaram os tempos. O luto que então cobria as mulheres voltou com a invasão prussiana.

Por simples e ignorantes que ellas sejam geralmente, descobriram o laço que prende as desgraças da patria aos accidentes da politica. Deixaram por isso, de ser na maioria dos casos, um instrumento docil nas mãos do padre.

muita poesia no sr. Arriaga, o que achárao no sr. Garcia, que ainda não pronunciou desde que entrou no parlamento, um verdadeiro discurso republicano?

O republicanismo tem dois meios de se afirmar no parlamento. Ou pela exposição pratica, racional, scientifica, das suas theorias politicas e administrativas, ou pela violencia e vehemencia dos seus ataques os escandalos monarchicos e ao regimen em que elles se incarnam.

Tem o sr. Garcia feito ou uma cousa ou outra? Discurso, em que sua excellencia haja exposto amplamente os principios republicanos nos ramos governativos, estudando-os, desenvolvendo-os, defendendo-os, não os conhece. Quanto aos ataques, aos escandalos monarchicos, nem é bom fallar n'isso.

O sr. Elias Garcia tem feito menos na camara do que um deputado de opposição monarchica. Discursiva brandamente sobre os orçamentos na especialidade, sobre a instrução, e disse. Pois se sua excellencia quizesse empregar o seu magnifico talento politico, creiam todos os republicanos que havia de dar que fazer á monarchia.

Portanto se os republicanos litteratos querem accusar algum accusem então o sr. Garcia, que não tem poesias nem sentimentalismos, mas que parece não ter grandes ardores republicanos. Pelo menos nunca demonstrou o contrario.

O sr. Arriaga com o seu muito talento, com a sua didacção, com o seu amor á republica tornar-se-ha um deputado republicano modelo, quando examinar as cousas por um prisma mais severo. O sr. Garcia, infelizmente, parece-me que nunca o será. E' muito d'aguas mornas e isso cá para os republicanos é o diabo. Elles querem energia, vida, valor e tem muita razão.

O radicalismo não comprehende uma transigencia como o conservantismo, que quasi parece identificação com elle da parte dos que o empregam.

Afirma-se que o príncipe real não jurará deante de gente. Jurará no Diario do Governo.

Apoiado. Nem elle terá de que s'envergonhar, nem nós tambem.

Mas que pagode!

«Até quando a monarchia abusará da nossa paciencia!»

Porto 17 de Maio de 1883

Estreou-se hontem á noite no theatro Baquet, d'esta cidade a companhia hespanhola de zarzuella, dirigida por D. Maximino Hernandez, levando á scena a zarzuella em 3 actos La Tempestad. Foi um completo successo. E' uma das melhores companhias que tem vindo a esta cidade. O desempenho foi esplendido por parte de todos os artistas, especializando-se porem, a tiple Señorita Eulalia Gonzalez, o baritono Maximino Hernandez e o tenor Orenca. A Señorita Gonzalez tem uma voz deliciosa, encantarora e é d'uma graciosidade de formas que deslumbra. O sr. Maximino

O jogo do habito é hoje menos forte do que era d'antes. A mulher moderna não gosta d'abandonar as ceremonias do culto; o cheiro do incenso ainda lhe é agradável.

A igreja onde distribue o pão bento, onde pede esmola para os pobres, onde mostra as suas villetes novas, é o seu lugar predilecto. E' como que a sua residencia favorita, o templo das suas graças, o sitio onde se sente melhor do que na propria casa. A igreja é para ella a grande alcova de Deus.

Todavia lê-se um grande progresso na mulher. Já não tem necessidade do templo para se justificar. Possui para se mostrar e brilhar, todos os lugares publicos e privados. A sociedade moderna não a conserva mais n'um oratorio, com os cabellos occultos, livre das vistas profanas.

A igreja é um refugio cada vez mais insignificante para ella. Diminuiu a distancia que a separa do homem.

Assim, no 24 e no 16 de maio, quando a reacção clerical combatia mais encarnadamente o regimen republicano, não auxiliou o padre geralmente. Só por occasião dos debates no Senado sobre o artigo 7.º o padre conseguiu tirar d'ellas algum proveito. Certos senadores da esquerda foram vencidos na alcova.

Em geral, as mulheres tem seguido a corrente e perderam aquella ingenuidade credula do seculo passado. Algumas ainda depositam nas mãos do padre o governo da sua alma, mas as advertencias politicas do prior entram-lhe por um ouvido e sahem-lhe por o outro.

E' esse o motivo porque na campanha emprehendida contra as caixas economicas, os novos heroes da Vendéa não encontram por si senão um limitadissimo numero de mu-

ne, é um notavel artista. Canta com muita perfeição e declama com immensa naturalidade. O tenor Orenca possui um bom methodo de canto e apesar de muito constipado conseguiu fazer-se applaudir. Tem uma romanza no 1.º acto, admiravel. E' igualmente digna de menção a ballada do baritono no 2.º acto bem como a aria da tiple no 3.º

O conjuncto da companhia é superior e o publico que assistiu ao espectáculo assimo testemunhou chamando repetidas vezes ao proscenio a sympathica troupe, e não lhe regateando applausos.

A musica d'esta zarzuella é bonita e não se sugoeita a uma escola definida. Finalmente La Tempestad não deu em tempestade como se dizia e se esperava.

Os nossos parabens ao intelligente director da companhia, o sr. D. M. Hernandez.

## BIBLIOGRAPHIA

Temos recebido ultimamente as seguintes publicações:

Miscellanea musical n.º 111—É um bello jornal, com uma parte litteraria e uma parte exclusivamente musical. Nitidamente impresso, com letras de phantasia acredita o prelo donde sae. Os artigos são firmados por entendedores. As peças que encerra são sempre selectas e interessantes. É uma honra para este districto o incremento que a typographia e o jornalismo vae adquirindo. Agradecemos o precioso brinde e desejamos-lhe ventura.

Bibliographia portugueza e estrangeira—publicação de Ernesto Chardron.

A Cavallaria da Sebenta—Editor Ernesto Chardron.

São duas publicações que agradecemos. A primeira é a continuação da critica prestimosa de bons livros modernos portuguezes; a segunda é uma tosa n'um theologo petulante e atrevido applicada por G. Castello Branco. Que o romancista Castello Branco continue esfolando o theologo é o que sinceramente desejamos.

Raio á Fazenda Nacional.—A Fazenda Nacional pelos seus empregados que avale e denunciante, e que saiba se foi roubada.

Guia de marcha para a posteridade.—Uma sova no dr. Lafanje, um lente antipatico, que tem ingenuidades, capazes de fazerem rir as pedras da calçada.

Galeria republicana com o retrato de Clemencau, e varios artigos bem redigidos. É um jornal valente. Presta culto á liberdade e ao progresso. Que diremos d'elle que não seja em elogio? Rompendo com os elos negros d'um passado triste, Portugal aspira a uma mudança de governo;—debaixo da crusta do edificio constitucional anda um vulcão rugindo. É bom preparar o espirito do povo, pelo conhecimento dos homens e das cousas.

heres. Ardentes, é verdade, dedicadas, as que militam nos seus arraiaes não regalão a sua dedicacção. E' no exercito das irmas da caridade, das filtradas na Congregação, das velhas devotas, que terroristas financeiros se recrutam os soldados. Porem, posto uma vez o publico em guarda contra a piedoso propaganda, podem as bellas damas e as raparigas beatas espalhar o panico á vontade.

Não ha mesmo necessidade de ligar importancia directa a estas Judiths de nova especie. Quando os inspiradores da campanha, padres ou jornalistas, receberem o castigo que merecem, não será de longa duracção o heroismo das mulheres.

O incidente, comtudo, admite uma moralidade.

A mulher é um maravilhoso instrumento de propaganda, com a condicção de a disciplinarem e dirigirem. A Republica comprehende a necessidade de lhe elevar o nivel moral e intelectual. A lei sobre o ensino secundario das raparigas, é o primeiro passo dado n'essa estrada soberba.

Quanto maiores forem os esforços para alistar a mulher entre os inimigos da sociedade secular, tanto mais á Republica assiste o dever de se tornar sollicita com o que ha de melhor e peor na humanidade.

O restabelecimento do divorcio e a emancipação civil da mulher, devem ser, com a instrucção secundaria das raparigas, o objecto das nossas preoccupações as mais vivas e instantes.

A victoria definitiva pertencer-nos-ha tanto mais depressa quanto mais cedo a mulher se nos entregar de coração.

Paul Struss.

Discurso de Saldanha Marinho. — Foi proferido na Camara dos srs. deputados do Brazil em sessão de 16 de Julho de 1880.

É um trabalho esplendido. Povo de Aveiro vae em breve encetar a publicação em folhetins d'este discurso, que bate em brecha os velhos reductos do jesuitismo no Brazil. N'esse discurso cita-se José Estevam com elogio. Estamos com Saldanha Marinho, e como soldados bisonhos, se não fusilamos certos os roupetas e os salafarinos, fazemos-lhe o mal que podemos, porque elles são as toupeiras que se furta a luz para cavar a ruína das grandes conquistas da revolução.

Alerta o povo! Alerta que te exploram torpe e miseravelmente.

Pau-Gracio.

A ROMA!

(A Guerra Junqueiro)

Ostenta-se inda em Roma o Vaticano, d'onde a sentença sahiu de Geordano e se forjou a morte de Jean Hus. O crocodilo infame da theara co' as garras inda tinge a pedra d'ara no altar da cruz.

E' da lá que resoa a maldição contra a audacia e a luz da sã Razão, e contra a voz da sã Philosophia. E' densa como a noite aquella treva; e a hypocrisia, da santa fé coeva empana ainda o dia.

La dominam no templo os vendiões. Plus ruas os lividos hystriões da negregada causa do passado cruzam ainda envoltos nos seus mantos. E a Historia inunda-se dos prantos das victimas do papado.

Do santo Pedro o velho descendente ulula nos jardins irradamente contra o Progresso, contra a Liberdade. E, se pudesse o pontífice do ceu, arranjar outro S. Bartholomen, afogaria em sangue a Humanidade.

A Roma pois, heroes combatentes, que pelajais á luz dos reluzentes facho da nova civilização! Destruí pedra a pedra o Vaticano! E na patria livre de Coriolano arrastae pela rua a reacção.

Ismael.

De um nosso assignante recebemos a carta que em seguida publicamos.

Sr. redactor.

Peço o favor de publicar no seu jornal as seguintes linhas:

No dia 15 do corrente vindo eu de minha casa d'Angeja para Aveiro, seriam sete horas da noite, e no medonho e tenebroso sitio do Pinhal do Frade, me sui ao encontro Manuel Joaquim de Magalhães, por alcunha o Grosso, e com ameaças de morte me exigiu uma quantia, que eu, apesar de lhe não dever nada, tive de lhe entregar, para não ser victima d'alguma covarde aggressão, e evitar mais funestas consequencias.

O sitio já é tradicionalmente celebre por iguaes attentados, e foi por isso bem escolhido.

Chamo para o facto a attenção das autoridades, e protesto leval-o tambem para os tribunaes, a fim de obstar a que a segurança individual esteja assim tão seriamente ameaçada a cada passo.

Narrando isto mesmo, escrevi logo no dia 16 duas cartas para Aveiro. Como não encontrei estampilhas á venda nem na estação telegrapho postal, nem na recebedoria, e nenhum dos carteiros da posta rural as trazia, tive de entregar n'esse mesmo dia as cartas e a importancia do seu porte ao carteiro rural de Estarreja, para este, no cumprimento das suas funções, as fazer chegar ao seu destino. No entanto, ainda até hoje não chegaram a Aveiro!

Tambem era bom que se providenciasse sobre esta e outras irregularidades, que tanto prejudicam o publico.

De V. S.ª etc.

Angeja 18 de maio de 1883

Carlos Rodrigues da Costa.

Este facto prova á sociedade o nosso adiantamento. Quem dirá que não estamos ainda no tempo nefasto do absolutismo, em que qualquer figurão se podia vingar a seu talento de quem não estivesse nas suas graças?

Ao que nos parece, o auctor da ambuscada conta com a impunidade da justiça. Nós porem não cessaremos de

clamar pelo seu castigo, e de pedir providencias para que se evitem novos attentados.

Como se deprehende da carta, tambem nos correios continua a lavar a anarchia, a desordem. Nós, por enquanto não nos quixamos, se bem que temos rasão de sobra para isso; apenas nos limitamos a dizer que este serviço deixa muito a desejar. Providencias!

Queixa se o Seculo de um jesuita ztrevido que ha na Covilhã. Este alarve deu agora em aggreirir um pobre homem, vendedor de jornaes.

Um collete de força para prender aquelle doido furioso.

N'um d'estes dias um macho de Francisco Carracena, das Talhadas, estrangulou um braço ao sr. Vicente da Senhorinha, honrado lavrador da Senhorinha. Está em perigo de vida.

Principiaram hontem os exames d'instrução primaria elementar em Sever do Vouga. O sr. sub-inspector padre Antonio Joaquim Vidal chegou na sexta-feira a Sever acompanhado dos nossos amigos srs. prior de Macieira de Cambra e de Rôge, e sr. padre mestre de Rôge.

O sr. sub-inspector, com a actividade e zelo que todos lhe conhecem, deseja e trabalha ardentemente pelo progresso da instrução; para isto não poupa esforços. E assim tenciona este anno presidir a todos os exames no seu circulo.

No domingo passado um sujeito da Senhorinha, concelho de Sever do Vouga, forçou violentamente a porta da casa d'uma orfã com tenção de a violentar segundo confessou; esperamos que a auctoridade proceda. O sr. juiz ordinario dá-nos, pelo seu procedimento anterior, garantias d'isto.

Por telegramma soubemos ter chegado a Lisboa no domingo passado o nosso muito querido amigo Manuel Borges d'Almeida Bastos, honrado e acreditado commerciante da praça do Pará (Brazil). Alguns amigos, porque os conta e merece, tencionaram partir hontem para Lisboa a fim de o acompanharem até Sever, onde é a sua casa no logar de Paradella.

O nosso amigo fez serviços importantes á Associação das Escolas Moveis, como oportunamente noticiaremos. Por hoje limitamos-nos a cumprimentar jubilosamente s. s.ª.

O photographo Paulo de Sousa Pereira, previne o publico em geral, que retira d'esta cidade no dia 27 do corrente mez, offerecendo por isso os seus serviços de photographia na rua de José Estevam, n.º 47, até aquelle dia.

A perfeição dos trabalhos e os preços são sem competencia. Espera que o publico concorrendo ao seu atelier, ficará convicto das garantias offerecidas.

Apparece em publico pela primeira vez no dia 1.º de junho, Coimbra em Fralda, e segundo promete, continuará a apparecer de 15 em 15 dias.

A endiabrada, ao que parece, ha de rir muito e fazer rir tambem. Nós já nos achamos possuidos d'uma impaciencia dos demonios por ver a desenvoltura da estouvada filha do Mondego.

Que venha e que traga, á cautela, a fralda limpa.

Assigna-se em Coimbra — Livraria Mesquita, rua das Covas. Livraria Popular, rua do Visconde da Luz.

Tivemos no domingo e segunda feira passada, no nosso theatro, as duas recitas annunciadas e representadas pela companhia de opera comica do sr. Augusto Garraio, composta de alguns artistas de merito.

Na primeira noute representaram

A Filha do Tambor-mór, e na segunda O Copo de Prata, operetas que agradaram immenso, pelo que mereceram os applausos dos espectadores.

A primeira, em especial, teve uma ovacão estrondosa no fim do terceiro acto, que representa a entrada dos francezes em Millão, ao som de hymno da republica franceza.

Quando a orchestra e o côro finalisavam o canto de Rouget de l'Isle, uma salva de palmas saudava o hymno da liberdade. Depois d'esta delirante saudação, todos os espectadores pediam bis, e no meio d'um enthusiasmo geral foi tocada por tres vezes a Marselheza.

A segunda, O Copo de Prata, é uma opereta um pouco livre mas bem delineada e que nos agradou muito, attendendo á maneira como a companhia se houve no seu desempenho.

No fim do ultimo acto d'esta opereta, a companhia teve numerosas chamadas, sendo todos os actores applaudidos, mostrando o publico, com esta manifestação espontanea e delicada, a sua sympathia para com a companhia do sr. Garraio.

O caso do juramento do principe, anda muito embrulhado.

O throno já estava concluido, ou quasi concluido, quando correu o boato de que o caro penhor não juraria de poleiro, mas que apenas viria publicado na folha do governo o seu juramento. Agora começa-se a fallar de novo em que a loira esperanza sempre subirá os degraus de pinho para jurar manter a religião catholica e a carta constitucional.

Veremos no que isto dá.

Diz-se que a companhia do theatro Baquet, do Porto, vem dar dois espectaculos no theatro d'esta cidade, segunda 21 e terça 22 do corrente, com os dramas As Mulheres de marmore e A Filha do Mar.

Não ha de faltar concorrência.

Os actores da companhia do Baquet, são quasi todos de reconhecida reputação artistica, e as principalmente Alvaro, Gama, José Ricardo e Soller, tem colhido freneticos applausos nos nossos principaes theatros.

A assignatura para estas recitas já se acha aberta em casa do sr. Antonio José Martins, rua dos Mercadores.

Consta que o governo ordenou aos commandantes militares que prestem todo o auxilio de tropas, requisitado pelos delegados do thesouro e chefes fiscaes, para se destruir a planta de tabaco, se por ventura os habitantes do Douro tentarem cultival-a, independentemente da auctorisação respectiva.

Querem uma ameaça mais clara?

E' zombar muito da desgraça! Mas que se ha de fazer se o sr. Fontes jurou guerra de morte ao povo?... O desgraçado não se resolve a morrer á fome e faz resistencia á destruição do producto do seu trabalho? Morre a tiro de mosquete. Esta morte é mais rapida e mais horosa.

Na noute de domingo proximo passado, quando terminava, no theatro d'esta cidade, o terceiro acto da opereta a Filha do Tambor-mór ao som do hymno nacional francez, quatro monarchicos d'agua mórna, que não comprehendem mesmo o que seja monarchia, tentaram patear a Marseheza, para terem direito ás honras de promotores d'uma manifestação antirepublicana.

Desgraçadissima tentação, nascida do cerebro tresloucado d'aquelles hydrophobos monarchicos, coadjuvados nos seus planos raivosos pelo impagavel homem da agua forte, bijou da aristocracia aveirense, noticiaria afamado, vitrine ambulante de synonimos, finalmente um pretencioso da primeira plana, que em tudo se mette, mas que nada percebe, porque a natureza apenas o fadou para porta-voz dos mandões da nossa parvalheira, a quem elle tributa o seu maior respeito, mimoseando-os com todos os seus adjectivos laudatorios que decorou, quando noticiaria.

Em face da provocação d'aquelles necios, hoave uma imporento mani-

festação, verdadeiramente democratica. Os espectadores no maior enthusiasmo cobriram de applausos a Marseheza. As salvas de palmas repetiam-se no meio da mais estrondosa manifestação de sympathia pelo hymno nacional de França, e os insignificantes pateantes ficaram aniquilados e sumidos sob a autoridade dos espectadores, que lhe verberaram as suas raivasinhas anti-republicanas.

A manifestação repetiu-se por tres vezes, e o publico cobrio de applausos aquella musica sublime, que é apothose de Rouget de l'Isle e a gloria da França.

E' assim que o povo costume responder á philancia d'uns certos sujeitos, com pretenções a aristocratas, mas que nada são e que nada valem.

A lição de domingo talvez vos fosse proveitosa, para servir de exemplo aos vossos insignificantes confrades.

Foi no dia 14 deste mez approvado na camara dos deputados um projecto concedendo o edificio e convento de Nossa Senhora da Soledade, das Trinas do Mocambe de Lisboa, á associação das irmãs hospitaieiras.

De maneira que são letra morta as leis promulgadas contra a invasão sempre crescente do jesuitismo, n'este paiz!

E' que essas execrandas creaturas pregam o obscurantismo, do qual nasce a força que ainda hoje possuem as monarchias.

Mas tanta protecção dada pelo governo á seita negra, revolta. Elle paga aluguel por as casas que occupam diferentes repartições publicas, e entretanto dá gratuitamente um edificio muito aproveitavel, a esses sectarios das trevas, para embratecerem os desgraçados que lhes cairem nas mãos! Que governo liberal!...

Realizou-se no dia 14 do corrente um casamento civil na administração do concelho de Moura. Os nobentes foram o sr. Manuel Mestre e a sr.ª D. Maria Thereza Martins. Assistiram ao acto, como testemunhas, os srs. Ignacio José Pires e Manuel Augusto Sarraçago.

A nossa camara municipal parece que jurou levar-nos a paciencia á ultima prova. Clamar por providencias, apontar uma necessidade geralmente reconhecida, é trabalho baldado, pois que ella não faz caso de taes futilidades. Pois vá feito: continue assim que nós tambem não desistiremos do nosso proposito, qual o de bradar contra a sua inacção criminosas e prejudicial. Comecemos.

Ainda ninguem se esqueceu de que essa corporação que tão digna e sabiamente dirige os destinos d'este municipio, tirou a particulares o encargo da iluminação da cidade, a pretexto de economia, obrigando-se ella a mandar fazer tal serviço. Muito bem. A economia, entretanto, vae redundando em prejuizo. Em noites de luar, não se accendem os candieiros, e quando qualquer nuvem negra offusca o brilho do astro nocturno, ou quando este chega ao seu occaso, fica a cidade immersa em profundas trevas. No tempo em que a iluminação era feita por arrematantes, mandavam elles accender os candieiros nas noites em que o luar se tornava duvidoso. Algumas vezes foram multados por se encontrar alta noite a cidade ás escuras, tendo esta contudo, começado clara e desanuviada.

Agora um caso recente e que podia ter sido fatal a um pobre velho. Saía elle do theatro, na noite de segunda feira passada e, desconhecendo quasi completamente a cidade, enganou-se com a lingueta que ha no caes, defronte da Alfandega, a qual elle tomou pela ponte; caminhando por ali adiante, caiu ao rio, onde teria de certo morrido se não o soccorressem de prompto algumas pessoas que estavam perto. Ora, n'um dos lados da lingueta ha um candieiro e se este tivesse luz, já se não dava tal caso. De mais, a camara nem pode dizer em seu favor, que a noite começara clara, pois que ha muito que as noites são escuras, embora com alguns intervallos de luar.

Poupe a camara o seu petroleo em noites claras, que isso não lhe leva a nós a mal, mas dê as suas ordenanças que se illumine a cidade, logo que comece a escurecer, especialmente quando houverem espectaculos. Isto não é ser exigente, é pedir apenas o que é justo e razoavel.

Começaram de novo as obras na pedesta para a estatua que os artistas d'esta cidade vão levantar, ao immortal tribuno José Estevão. Os degraus já estão assentes e o gradeamento deve por estes dias ficar collocado.

E' muito de estimar que a commissão respectiva não afrouxe da sua actividade, afim de vermos em breve consummada a obra que hade attestar aos vindouros a veneração que nos merece esse filho illustre d'esta terra.

Diz a Republica Federal, dos Açores: « Ha entre nós um padre, fanatico, velhaco; um jesuita, enfim. Seguindo o regulamento da santa seita, o nosso homem, é explorador das viuas beatas.

Uma senhora confiou-lhe a administração dos seus bens e algum tempo depois, advertida por um outro padre que recebia em sua casa a título de conselheiro, director espirital, sabe que possuia menos uma quinta do que a exploração do nosso herdeiro lucros entre si.

Dizem-nos que esta senhora disse pensara os bons serviços dos dois padres, qual d'elles o mais honrado.

Conhecemos mais algumas gentilezas d'este virtuoso sacerdote. Mais tarde fallaremos d'ellas, são muito curiosas.»

EXPEDIENTE

Pedimos aos nossos estimaveis assignantes, que se acham em debito, a fineza de mandarem satisfazer a importancia das suas assignaturas, para o bom andamento da administração d'este jornal.

COMMUNICAÇÃO

Peço a fineza de mandar publicar no seu muito lido jornal O Povo de Aveiro as seguintes linhas:

No dia 7 do corrente á porta da estação do caminho de ferro d'esta cidade, houve um pequeno desagoramento entre uma rapariga solteira e uma mulher casada; esta que não estava para aturar por mais tempo o phraseado um tanto suavez com que a rapariga mimoseava, tratou de a intimidar ameaçando-a com pancadas, ameaça que não passou de palavreado.

O sr. chefe da estação tendo conhecimento do occorrido, não procedeu com justiça, mas sim com compadecimento, enviando a mulher casada ao sr. administrador do concelho, pela simples razão de prometter pancadas, deixando em liberdade a rapariga solteira que a tinha injuriado.

E' que a mulher casada que o sr. chefe mandou entregar ao sr. administrador, e este fez encarcerar, já ha tempo se tinha queixado das injustiças de s. s.ª, o que o sr. chefe nunca lhe perdoou.

Aqui tem o sr. redactor o motivo porque o sr. chefe procedeu contra a mulher casada, deixando a outra em santa paz, coberta com a capa da sua valiosa protecção.

Ora recommendo ao sr. chefe que seja mais justiciero e mais imparcial, porque ainda ha poucos dias houve uma desordem no mesmo sitio, tambem entre mulheres, passando as desordeiras a vias de facto, e s. s.ª meteu-se em copas, não se dignando proceder contra as delinquentes, porque não tinha que vingar-se de nenhuma d'ellas.

Fique o sr. chefe na certeza que estarei de atalaia, para lhe pôr a descoberto todas as suas injustiças, caso não ponha cobro ás suas compadrecias.

Agradeço sr. redactor, a publicação d'estas mal traçadas linhas e assino-me:

De v. etc.

Aveiro, 11 de maio de 1883.

G.

(Segue o reconhecimento)

DOMINGOS LUIZ VALENTE D'ALMEIDA  
COM  
OFFICINA DE SERRALHARIA

EM  
**MAQUINAS**

**F**ORNECE lojas de ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os sistemas, parafusos de toda a qualidade; ferragens estrangeiras, camas de ferro de armar sem parafuso do preço de 1\$900 a 9\$000, fogões, chumbo em barra, prego d'arame, bico de cobre, de ferro, balmazes de latão, carda inglesa, panellas de ferro, balanças decimaes, e tudo pertencente ao seu ramo.

Preços sem competencia.

**GRANDE  
NOVIDADE**



A COMPANHIA FABRIL SINGER

Apresenta desde hoje á venda a sua nova  
machina de cozer de

**LANÇADEIRA OSCILANTE**

É ESTÁ A REVOLUÇÃO MAIS COMPLETA QUE TEM HAVIDO NAS MACHINAS DE COSTURA.

Trabalho sem igual ao de todas as machinas silenciosas e de lançadeira até hoje conhecidas.

As suas grandes vantagens são:

Braço muito elevado.—Lançadeira que leva um carrinho d'algodão.—Agulha ajustavel de per si.—Dois mil pontos n'um minuto.—Levissimas no trabalho.—Silenciosas sem equal.—Não precisa encher canellas.—Não precisa enfiar a lançadeira.—Pespono o mais bello e mais elastico. Todo o seu machinismo ajustavel e com o uso e os annos está a machina sempre perfeita.

**GARANTIDA POR DOZE ANNOS**

**PRIVILEGIO EXCLUSIVO EM PORTUGAL POR 20 ANNOS**

Para familias; para alfaites; para sapateiros; para toda a classe de trabalho.

Machinas desde o preço de 8\$000 réis até 130\$000 réis, com os melhoramentos mais modernos e canelleiro automatico.

Todas as pessoas encontrarão no trabalho da machina SINGER FAMILIA de LANÇADEIRA OSCILANTE o que ha de mais perfeito e bem acabado.

Todos os industriaes executarão na machina SINGER industrial de lançadeira oscilante os trabalhos mais delicados e com a maior facilidade, como nunca terão visto.

Aos alfaites e sapateiros chamamos a sua attenção para esta nova machina de lançadeira oscilante.

EXISTENCIA PERMANENTE NOS ARMAZENS 1:300 MACHINAS  
VENDAS A DINHEIRO

com desconto de 10 p. c.

VENDAS A PRESTAÇÕES DE 500 RS. SEMANAES  
SEM PRESTAÇÃO DE ENTRADA

ENSINO GRÁTIS

Cuidado com as imitações

Exigir sempre a marca da fabrica e que os recibos ou contas tenham as seguintes palavras «Machina legitima da Companhia Fabril Singer.»

**Companhia Fabril Singer**

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

(Pegado ao edificio da Caixa Economica.)

**AVEIRO**

52—Largo da Praça—53.

**OVAR**

E

Em todas as capitães de districto de Portugal

**HOMENAGEM**

AO

**PARTIDO REPUBLICANO**

Um esplendido quadro typographico nitidamente impresso a 12 côres, com o retrato do fecundo evangelizador da democracia portugueza

**Dr. Manoel de Arriaga**

A' venda no escriptorio da Empresa Litteraria Luso Brasileira, rua dos Correios, 140, 4.º; na officina d'encadernador, rua dos Cavalleiros, 33; e em diversas livrarias. Os pedidos devem ser dirigidos a Oliveira & Souza, pateo do Aljube, 5. Lisboa. Preço 500 réis.

**LA ILUSTRACION  
MILITAR**

(Revista litteraria, scientifica e artistica)

Este esplendido jornal, dedicado á classe militar, publica-se mensalmente em Madrid, impresso em superior papel de grande formato, com gravuras magnificas de acontecimentos militares, primorosamente executadas por distintos artistas. Muitos n.º são acompanhados d'um supplemento com uma gravura de dupla pagina para album ou quadro e mais duas paginas de leitura amena: cada n.º ordinario contem 16 paginas a 3 columnas de luxuosa impressão, e o n.º do supplemento contem 20 paginas.

Publica em cada n.º pelo menos, 10 gravuras.

Os preços da assignatura em todo o reino de Portugal são os seguintes.

Anno..... 2:300

Semestre..... 1:200

Trimestre..... 600

Não terão valor os pedidos que não venham acompanhados da sua importancia em vales do correio.

Dirigir para subscrever ao Representante, no Porto:

A. A. de Bessa Carvalho

Campo 24 d'Agosto, 138.

**EMPREITADA A  
CONCURSO**

Para a construcção de um jazigo de familia no cemiterio da freguezia da Murtosa, recebem-se propostas em casa de Antonio José de Freitas Guimarães, na Praça de Pardelhas, e n'esta cidade, em casa do exm.º sr. commendador Manuel José Marques e Silva Tavares, na rua do Passeio, onde estão patentes a planta e orçamento, todos os dias.

**!NOVIDADE!**

**Ourivesaria Manu-  
factora**

14—RUA DAS BARCAS—16

AVEIRO

**José Eduardo Mourão.**

**Galeria Republicana**

Editor e proprietario  
JOÃO JOSÉ BAPTISTA

Director—MAGALHÃES LIMA

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Quem angariar 10 assignaturas receberá uma gratis

Lisboa

Anno ou 24 numeros..... 1\$500

Semestre ou 12 numeros..... 720

Trimestre ou 6 numeros..... 400

No acto da entrega..... 70

Numero avulso..... 400

Provincias e ilhas

Anno ou 24 numeros..... 1\$600

Semestre ou 12 numeros..... 800

Africa e estrangeiro accrece o importe do correio.

Brazil, anno ou 24 numeros

(moeda forte)..... 3\$000

**SERÕES ROMANTICOS**

EMPRESA EDITORA—BELEM & C.ª

Lisboa—26, Rua da Cruz de Pau, 26—Lisboa

**MYSTERIOS D'UMA HERANÇA**

ULTIMA publicação de Xavier de Montépin, auctor do romance—O FIACRE N.º 13.

1.ª parte—A Herança de Renée.

2.ª parte—Crimes sobre crimes.

3.ª parte—Expição.

Edição ornada com chromos a dez côres e com magnificas gravuras. Cada chromo 10 réis. Um brinde a cada assignante no fim da obra.

Assigna-se em todas as livrarias e no escriptorio da empresa editora, BELEM & C.ª rua da Cruz de Pau, 26, onde se dão os prospectos.

**OBRAS POLITICAS**

DE

**LEON GAMBETTA**

Primeiro volume

**CARTAS E PROCESSOS**

Acha-se á venda em todas as livrarias.—Por assignatura, 300 réis cada volume—Avulso, 400 réis.—Provincia, ilhas, Africa e Brazil, accrece o porte do correio.

No prelo, o segundo volume—O Processo do Baixo Imperio. Todos os volumes são completamente desligados uns dos outros.—retratos de Gambetta, em meio corpo, lytographados em papel especial, 300 réis.

Todos os pedidos devem ser dirigidos a Alcino Aranha, editor, Rua de Cima da Villa, 25, Porto e em Lisboa F. N. Collares,—Rua da Atalaya, n.º 18.

**OFFICINA DE SERRALHARIA**

DE

**JOÃO ANTONIO DE SOUZA**

4—Largo da Apresentação—6

EM

**AVEIRO**

N'esta officina fazem-se portões, grades, lavatorios, fogões, e camas de preço de reis 8\$000 a 1\$400.

**Fabrica de Bolacha e Biscoutos**

—DE—

AUGUSTO DA SILVA TEIXEIRA

CONVENTO DA ESTRELLA

COIMBRA

BOLACHA

	Kilo	rs.
D. Luiz	220	220
Franceza 1.ª	230	230
» 2.ª	210	210
Agua e Sal 1.ª	240	240
» 2.ª	230	230
Leve	210	210
Torrada	240	240
Requife 1.ª	360	360
» 2.ª	260	260
» 3.ª	220	220
Erva doce	170	170
Amores	360	360
Pão de Ló		

» em fatia torrado

Pemzinhos . . . . . 360 »

Primores . . . . . 400 »

Bolo inglez, duzia . . . . . 200 »

N. B.—Os preços acima mencionados não tem desconto.

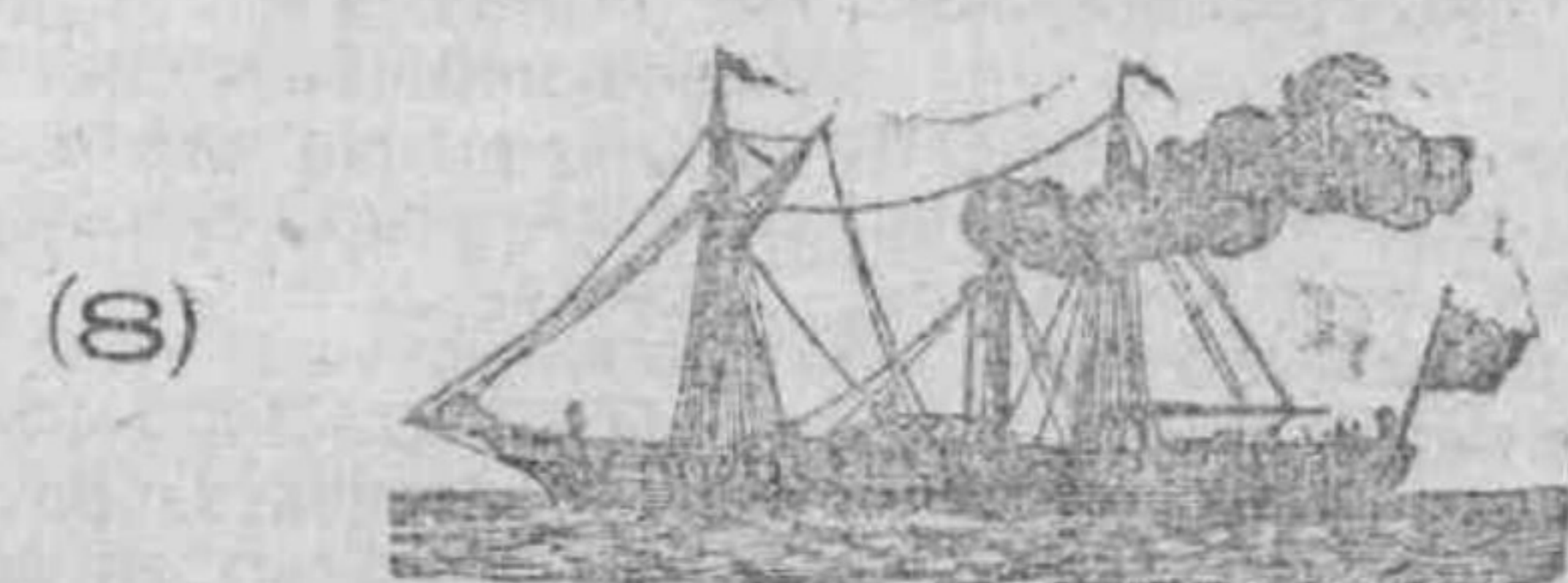
BISCOUTOS

	Kilo	rs.
Limão 1.ª	220	220
» 2.ª	210	210
Canella 1.ª	220	220
» 2.ª	190	190
Lacinhos	250	250
Suissos	400	400
Belgas	320	320
Paciencias e Marialvas	400	400
Linguas de gato	400	400
Pulitos amendoa 1.ª	360	360
» 2.ª	320	320
Canella	220	220
Limão	240	240
Deliciosas	320	320
Estrellas	400	400
Coroas a Camões	320	320
Marquinhas	320	320
Pauperios e Bisc. Porto	220	220

**COMPANHIA**

**Messageries Maritimes**

**LINHA QUINZENAL  
DE PAQUETES**



**CARREIRA DO BRAZIL E RIO DA PRATA—CORREIO FRANCEZ**—Tracta-se em Aveiro, Agencia Central, com PAULO DE SOUSA PEREIRA, rua de José Estevam, n.º 47 1.º andar.